

Um só problema

Quando a ilusão nos colhe o espírito, impelindo-nos para amargosos desenganos, evidentemente não nos é lícito lançar a responsabilidade integral do fracasso de nossa expectativa sobre os outros, já que, no fundo, somos nós mesmos que nos deixamos embair pela nossa própria superestimação acerca de criaturas e circunstâncias.

*

Se a tentação nos apanha desprevenido, sacudindo-nos em rajadas de aflição, depois de atirar-nos a despenhadeiros de remorso, não nos será possível

atribuir a outrem a culpa dos pesares que nos desajustam as províncias da alma e sim a nós, que não vigiamos suficientemente a tranqüilidade de consciência.

*

Por trás do sofrimento a se nos originar do orgulho ferido, está simplesmente a paixão pelas aparências a que ainda se nos afeiçoa o sentimento de superioridade ilusória.

*

Ante as nossas queixas, em torno da ingratidão, na essência existe apenas a incompreensão que, por enquanto, nos assinala o modo de ser, a exigir dos companheiros de experiência devações e atitudes para as quais não se mostram ainda amadurecidos ou indicados.

*

Empenhados ao azedume da crítica, debitamos semelhante perturbação tão somente a nós pela nossa incapacidade de avaliação do esforço alheio.

*

E sempre que tenhamos de alegar, enquanto na Terra, provas e inibições, obstáculos e lutas que por vêzes começam para nós do berço físico, o montante dêsses impedimentos é a carga de sombra que tra-

zemos em nós, por injunções da Contabilidade Divina, transportada de existência para existência, assim como determinada conta é transferida de livro para livro, na Contabilidade do Mundo, conforme os débitos que assumimos.

*

À vista disso, encontramos conosco um só problema fundamental — nós em nós mesmos.

Aprendamos a conhecer-nos e conheceremos os outros.

Retifiquemos a nossa vida por dentro de nós e a vida por fora se nos revelará sempre por maravilha de Deus.